

editora **buqui**

**"Também não sou a MOCINHA.
Eu e você estamos nos EXTREMOS dessa história.
Por favor... FIQUE LONGE DE MIM."**

EXTREMOS

Renata Melo

© Renata Melo 2020

Produção editorial: Vanessa Pedroso
Revisão: Helen Bampi
Imagem de Capa: Vectorfusionart (Shutterstock)
Design de Capa: Nathalia B. Cecconello
Editoração: Nathalia B. Cecconello

CIP-Brasil, Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M485e Melo, Renata
Extremos / Renata Melo.
1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2020.
216p.
ISBN 9788583384939
1. Ficção brasileira. I. Título.
20-66281
CDD: 869.3 | CDU: 82-3(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos desta edição reservados à

bu Buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102
Porto Alegre | RS | Brasil
Fone: +55 51 3508.3991
www.editorabuqui.com.br
www.instagram.com/editorabuqui
www.facebook.com/buquistore

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

EXTREMOS



❧ AGRADECIMENTOS ❧

O processo de criação de uma história é para mim um ato de amor, mas o momento mais mágico é na publicação, quando os livros encontram os leitores. Por isso, agradeço de coração a todos os leitores por darem vida junto comigo aos personagens. Obrigada, obrigada, obrigada.

A toda a minha linda família, aos meus queridos amigos e amigas e, em especial, ao meu amor, Rodrigo, e ao meu filho, Joaquim, por me apoiarem nessa jornada da vida. Amo demais todos vocês.

Quando olho para trás e vejo o caminho que estou trilhando, me enche de orgulho saber que foi construído junto com uma editora que me apoia e me acolheu desde o primeiro contato. São cinco anos trabalhando juntos. Meu muito obrigada de coração ao Gustavo Lima, à Vanessa Pedroso e à Nathalia Cecconello. Mais um trabalho de produção editorial incrível, dá para sentir o amor neste livro.

Aproveito também para registrar meu carinho e agradecimento à Larissa Barrozo, à Jamile Aguiar e à Laryssa Rodrigues, vocês moram no meu coração. Obrigada, obrigada, obrigada pela jornada nesse mundo de leituras.





Era um dia frio no Reino Unido, caminhava pelas ruas quase desertas, despedindo-se da cidade que a acolheu. Estava próximo o seu retorno ao Brasil. Tinha esperado pacientemente por esse momento, desde quando colocou os pés no avião para deixar sua pátria.

Por um instante, desacelerou, o olhar sobre o ombro para uma sombra que desapareceu. Levantou a cabeça, fechando os olhos, e sorriu ao sentir um raio de sol que atravessou as nuvens e a alcançou.

O primeiro dicionário de Oxford demorou sete décadas para ser concluído, e era fascinada pela história do improvável sucesso no início. Se pudesse ter contribuído, na época, teria sido com a palavra “DISTRACÃO”, substantivo feminino com diversos significados: “Falta de atenção em relação ao mundo exterior; Desatenção. Aquilo que resulta dessa falta de atenção; Irreflexão, inadvertência; O que se faz por entretenimento, passatempo, divertimento; Diversão. Estado de quem está completamente voltado para si mesmo”.

Todos os significados lhe seriam apropriados para o que estava por vir em seu improvável sucesso.

“— Você chegou! — Correu para os braços dele. — Senti sua falta.

Abraçou-a forte. Sua garotinha não era mais uma garotinha.

— Então, fez parte da história? — Perguntou abraçando-o mais uma vez.

O pai retornava de uma reunião em um centro científico internacional.

— É interessante observar os diversos alcances de visão sobre o que está por vir no planeta. — Sorriu para ela. — E o enigma? Conseguiu solucionar?

— Veja você mesmo. Da próxima vez, terá que me surpreender com um verdadeiramente difícil. — Desafiou-o.

Bernardo sorriu.”

❧ "TRÊS MESES PARA O EVENTO." ❧

Destrancou a gaveta, retirando o caderno com as valiosas anotações. Releu, atenciosamente, o conteúdo ali registrado, página a página, até chegar ao desenho de uma teia que conectava nomes e acontecimentos.

✧ JOHN GARCIA, lobista da F&A IT, preso por crime de estelionato.

✧ BENÍCIO BRAGA, diretor de Relações Comerciais da F&A IT, preso por estelionato e sonegação de impostos federais.

✧ JORDAN FERRAÇO, presidente e um dos principais acionistas da F&A IT, preso por crimes de estelionato, corrupção e sonegação.

✧ LIAM FERRAÇO, diretor executivo da filial americana da F&A IT.

✧ BERNARDO ATENA, cofundador da empresa, ao lado de Jordan Ferraço, responsável pelo departamento de tecnologia, falecido.

✧ No centro da teia, o nome AYLÁ ATENA, filha de Bernardo Atena, herdeira de 40% das ações da empresa.

Ao lado do caderno, um exemplar do jornal de maior circulação da cidade, destacando, na primeira página, a fotografia de Liam Ferraço e os comentários dos principais analistas financeiros sobre o que esperar do sucessor de Jordan Ferraço e os possíveis impactos na economia. A cerimônia de nomeação ao cargo e a reservada recepção de boas-vindas aconteceriam logo mais à noite.

Desbloqueou o celular através de reconhecimento facial, acessou o ícone de fotos, procurando uma imagem em específico. Retirou da gaveta uma pequena impressora portátil que cabia na palma da mão. A impressora conectou-se ao celular, imprimindo duas cópias de uma fotografia atual de Ayla Atena. Cada imagem foi colocada em pequenos envelopes que seguiram destinos diferentes.



“Sorriu para ele, imaginando como seria a vida ao seu lado. Liam gostava de fazer planos sobre o futuro deles.

Era o último verão antes do início das aulas, como calouros, na universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Liam cursaria Administração, e Ayla, IT.

Ambos eram filhos únicos, as famílias amigas e os pais sócios de uma empresa que estava sendo apontada como o próximo império tecnológico.”

Repreendeu-se pela lembrança.

Os longos cabelos marrom-dourados cobriam parte do rosto. Praticamente, acompanhou o dia amanhecer.

Entrou no banheiro e parou diante do espelho, encarando o próprio rosto, as mãos apoiadas na bancada da pia, ainda sentia a adrenalina do risco que correu. Às vezes, não se reconhecia.

Ligou o chuveiro e esperou a água atingir uma agradável temperatura antes de deixá-la percorrer as perfeitas curvas, através da pele bronzeada.

Entrou no closet, ignorando, na poltrona, o sexy vestido que usou em sua última aventura noturna.

Vestiu calça preta, blusa branca e jaqueta cinza, corta-vento, à prova d'água, com capuz. Puxou as mangas tanto da blusa quanto da jaqueta. A moderna jaqueta tinha o comprimento na altura dos joelhos. Calçou uma confortável bota cano curto.

Parou diante do espelho, e os olhos verdes avaliaram, rapidamente, o *look* escolhido. Finalizou com uma discreta maquiagem e batom nude.

Sentiu o delicioso aroma de ervas já da escada. Uma elegante mulher de cabelos loiros a esperava na cozinha. Ayla beijou-lhe a testa, antes de sentar-se à mesa ao seu lado.

A mesa retangular, em madeira, era a extensão da bancada de quartzo onde estava o fogão embutido. Uma grande e contemporânea coifa se destacava. Portas francesas acessavam o deck e o jardim, e, fixada, ao lado, uma fina tela plana de alta tecnologia, que transmitia o noticiário da manhã.

— Aumentar volume. — A escala foi alterada através do comando de voz.

“— E mais uma vez, hackers, intitulados pela população de ‘grupo de elite’, expõem mais um ricoço... A polícia continua afirmando que essas ações são crimes federais por invasão a redes privadas de bancos e instituições.

O repórter narrava a notícia.

— O agente responsável pelas investigações, Dante Astori, finalmente comentou o caso:

— Estamos vivendo uma crise de valores e de credibilidade em nossas instituições, criminosos estão se tornando ídolos da sociedade. Nada justifica o que esse grupo está fazendo, nós vamos encontrá-los e terão que responder por suas ações. Obrigado.”

— Baixar volume. — Servia o próprio café.

Zoe colocou o tablet sobre a mesa para observá-la.

— O quê? — Sorriu, divertindo-se com a dúvida dela. — Ei! Espera um instante... — Tentava conter o sorriso. — Por acaso acha que faço parte desse grupo?

Zoe fez uma pausa, refletindo se deveria recuar.

— Não sei o que pensar.

— Uhum. — Pegou a torrada, recém passada manteiga, e levantou-se. — Preciso ir.

— Ayla! — Zoe sorriu, mesmo preocupada.

— Ótimo dia para você também. — Não queria mentir, mas, quanto menos Zoe soubesse, mais estaria protegida.

Zoe era sua única família. Como melhor amiga do casal, esteve presente nos melhores e piores momentos dela. Prematuramente, na morte da mãe, por uma doença, e alguns anos depois, com o pai, em uma situação trágica e duvidosa, seguido de dois atentados que quase lhe custaram a vida.

Após as investigações com resultados inconclusivos e nenhum culpado, Zoe cuidou para que Ayla desaparecesse para protegê-la, afastando-a, inclusive, do seu primeiro amor, Liam.

Agora, Ayla estava de volta ao Brasil, após longos cinco anos. Seu retorno foi discreto e optou por usar o sobrenome de solteira da família da mãe.

— Abrir porta da garagem. — Estava satisfeita com o nível de automação que, pessoalmente, construiu na casa.

Quando o pai percebeu a aptidão dela, a submergiu em seu mundo, e Ayla cresceu absorvendo cada ensinamento compartilhado e os aprimorou, em paralelo ao curso de Direito em Oxford, em cursos específicos.

Chovia em São Paulo.

— Melhor caminho para a 13ª delegacia. — Perguntou ao computador de bordo.

Na sequência, visualizou na tela o mapa com o percurso.

O sensor no para-brisa automaticamente aumentou a velocidade das palhetas, acelerando a remoção da água no vidro.

Olhou para a chamada em seu telefone, atendendo. Era um número desconhecido.

— Senhorita Norato?

— Sim.

— Estou ligando em nome da presidência da F&A IT para confirmar sua presença no coquetel de recepção do Senhor Liam Ferraço.

Sentiu o coração acelerar quando ouviu o nome dele. Apesar dos anos, ainda não era a hora para reencontrá-lo.

— Infelizmente não estarei na cidade, mas meu sócio nos representará.

— Uma pena, Senhorita Norato. O Senhor Ferraço gostaria de conhecê-la, pessoalmente, pelos resultados de êxitos apresentados. Tenha um bom dia.

— Obrigada. — Desligou.

Você chegou ao seu destino.

— Liam Ferraço de volta ao Brasil. — Fechou os olhos por um instante, em meio aos pensamentos extremos que a dominaram.

Desceu do carro, levando consigo apenas a chave do utilitário e o smartphone. Colocou-os na caixa de apoio antes de passar pela porta giratória do prédio.

— Bom dia! Ayla Norato. O investigador Elton Morales me aguarda. — Informou à recepcionista.

— Só um instante, por favor. — A jovem sorriu.

Ayla a observava.

— Já tem cadastro conosco? — Perguntou, desligando o telefone.

— Sim.

— A digital, por favor. — Apontou para o aparelho.

Colocou o polegar direito e, na sequência, recebeu uma credencial de acesso.

— Obrigada.

Quando as portas do elevador se abriram, Elton a esperava.

— Tudo bem? — Sorriu para ela.

— Sim. — Acompanhou-o até a sala. — Ontem foi por pouco. — Disse assim que ficaram a sós.

— Em que está pensando? — Estava atento à expressão de dúvida no rosto dela.

— Às vezes... — Cruzou os braços, virando as costas para ele.

— Sabe que não pode desistir. — Interrompeu-a.

— Eu sei.

— Preciso te contar uma coisa...

Foi interrompido por uma leve batida na porta.

— Me chamou? — Os olhos pararam nela.

Ayla o reconheceu do noticiário da manhã.

Elton sorriu para o amigo.

— Sim. Quero que conheça Ayla Norato, advogada especialista em cibercrime.

Dante estava diante dela.

Era um pouco mais alto, e Ayla inclinou a cabeça, observando os intensos e marcantes olhos castanho-claros, tentando ignorar o charmoso sorriso que recebeu ao cumprimentá-lo.

— Senhorita Norato. — Desejou que ela não fosse tão bonita.

— Dante está à frente das investigações sobre as invasões aos servidores privados. — Elton olhava para o relógio, tentando não demonstrar ansiedade.

Dante se aproximou dele.

— O nosso hacker não foi tão cauteloso dessa vez. — Olhou discretamente sobre o ombro, tentando vê-la, mas ela permaneceu de costas para eles.

— Deve estar acompanhando os noticiários. — Dante já estava diante dela, novamente.

Elton pegou as chaves sobre a mesa.

— Hacker? — Ayla percebeu Elton disperso.

— Dante induziu, publicamente, todos a pensarem que procura por um grupo, mas sabemos que é somente um. — Parou ao lado deles.

— E tem um *leet*⁽¹⁾ singular. — Dante complementou.

— Sei que não tive tempo para falarmos... — Colocou a mão sobre o ombro direito de Dante. — Mas ficará em boas mãos se conseguir confiar nele. — Olhou novamente para o relógio. — Preciso dar uma saída. — Forçou um sorriso.

— Tudo bem? — Ayla perguntou a Elton, achando-o disperso.

— Tudo bem. Por que não vão tomar um café? — Sugeriu, despedindo-se. — Dante, sabe o que tem que fazer.

Elton era um profissional experiente e respeitado. Tinha a idade que o pai dela teria se estivesse vivo. Sua aparência, com os cabelos grisalhos e sorriso acolhedor, de alguma forma transmitiu a ela segurança.

— Tem um bistrô na esquina do prédio. O café é ótimo. — Comentou ao ficarem a sós.

— Sabe para onde Elton está indo? — Caminhava ao lado dele.

— Vai ficar tudo bem. — Desconversou.

Dante apertou o botão do elevador, encarando discretamente os olhos verdes.

— O que a motivou a se especializar em cibercrime?

As portas do elevador se abriram, e entraram confortavelmente.

— É um ramo jurídico em expansão, principalmente no Brasil. — Respondeu, atenta à quantidade de pessoas que entraram no elevador, um andar abaixo ao que estavam, fazendo com que ela ficasse bem próximo a ele.

Dante tentava ignorar que não existia mais distância entre eles no percurso até o térreo.

A chuva tinha dado uma trégua e caminharam até o bistrô.

Colocou as mãos nos grandes bolsos da jaqueta e caminhou observando o movimento dos carros, evitando olhá-lo.

Já estavam diante do bistrô, quando um policial aposentado saiu do local e reconheceu Dante, após ter assistido ao noticiário da manhã.

— Dante! — Cumprimentou-o.

Dante olhou para ele.

— Senhor! — Disse, abrindo a porta do bistrô para Ayla.

— Está fazendo um bom trabalho. Pega eles! — Sorriu confiante, deixando Dante envergonhado com o elogio.

Dante acenou com uma das mãos, a outra segurava a porta para ela, quando presenciou alguns segundos mágicos ao vê-la sorrir espontaneamente ao percebê-lo envergonhado.

Sentaram a uma mesa próximo à janela.

Dante a olhava atento a cada detalhe que pudesse movê-lo a conhecê-la.

Ayla sentou-se com uma postura impecável, pernas cruzadas, os longos cabelos marrom-dourados caindo sobre os ombros e o olhar concentrado nele.

Ele retirou do bolso interno da jaqueta uma pequena fotografia e a deslizou sobre a mesa até parar diante dela.

Olhou para a imagem.

— Precisa ser mais cuidadosa. — Comentou.

Forçou um sorriso, tentando disfarçar o incômodo.

— Uma foto minha? — Tinha consciência sobre as possíveis consequências.

Dante se impacientou, mas era mais do que isso, estava impactado por se sentir atraído, fisicamente, por ela.

A garçonete se aproximou.

— Oi, Dante. — Sorriu. — Hoje temos a torta de limão siciliano que tanto gosta.

Retribuiu o sorriso.

— Tentador, mas vou querer somente um café, por favor. E você?

— Também. Obrigada. — Sorriu ao agradecê-la.

— Então? — Insistiu, observando a garçonete se afastar.

— Não consegui entender a pergunta.

Ela se questionou se seria proposital para desestabilizá-la.

— Desculpe-me por minha pouca habilidade de comunicar. — Forçou um sorriso, tentando não transparecer sua impaciência.

Dante sorriu.

— Recebi um envelope anônimo hoje pela manhã, após a reportagem. Alguém sabe sobre você. — Observou-a franzir a testa.

A garçonete retornou com os cafés.

— Grãos torrados, intensidade média. — Comentou, sorrindo para ele.

— Obrigado.

Ayla degustou o café, segurando com as duas mãos a xícara para se aquecer.

— Sabe quem eu sou?

— Sim. — Também tomou um gole do café. — Assumi a investigação, porque seu *leet* chamou atenção. Elton me designou para garantir que a identidade do hacker seja preservada.

Ela desviou o olhar.

— Até então não existia nenhuma imagem ou fotografia sua e seu disfarce estava seguro. Você se expôs.

Os olhos verdes voltaram a olhá-lo.

— Não tinha como acessar aquele servidor se eu não estivesse dentro da empresa. A festa era a distração perfeita.

Dante movimentou a cabeça discordando.

Desde que assumiu a investigação, acompanhava os passos dela, e sua ousadia lhe chamava atenção, até concluir que Ayla se submetia a riscos desnecessários, propositalmente.

— O quê? — Ficou incomodada com o ar de superioridade dele.

— Não gosto como age, Senhorita Norato... ou melhor, Senhorita Atena. Estamos lidando com terroristas, e se continuar agindo por impulso vai acabar morta igual ao seu pai... — Parou de falar ao perceber que o comentário foi inoportuno.

Ela fechou os olhos, desapontada pelo que ouviu. Apesar dos anos, a morte do pai não estava superada.

Dante acompanhou quando ela se levantou.

Olharam-se por alguns segundos, em silêncio. E Ayla simplesmente se foi.

Droga! — Pensou, tirando do bolso da calça jeans o dinheiro para pagar a conta, colocando-o sobre a mesa, e saiu atrás dela.

— Ayla!

Escutou seu nome e acelerou o passo em direção ao estacionamento.

— Ayla! — Precisava alcançá-la.

Ela entrou no carro e acelerou, querendo sair dali o mais rápido possível, mas Dante se colocou à frente, não dando tempo para frear.

Sentiu o impacto e o viu cair no chão.

— Não acredito! Agora atropeli um policial. — Desceu do carro para vê-lo. — Por que fez isso? — Aproximou-se e visualizou as escoriações nos braços dele, ignorando o pequeno público que se formou ao redor.

Dante agiu sem pensar, apenas não queria deixá-la ir sem se desculpar.

— Melhor levá-lo ao hospital. — Percebeu que não estava movimentando o braço esquerdo, mantendo-o junto ao corpo, e a mão direita cuidadosamente pressionando a lateral esquerda do abdômen.

— Está tudo bem. — Sentiu as mãos macias tocarem sua pele para ajudá-lo a levantar.

Apoiou o corpo ao dela. Ayla abriu a porta do carro para ele entrar. Dante tentava disfarçar a dificuldade em respirar.

— Não está. — Inclinou-se, puxando o cinto de segurança sobre ele, afivelando-o.

Dante pôde sentir a fragrância do perfume dos cabelos dela com a proximidade, depois a observou dar a volta, pela frente do carro, e entrar.

Ayla apertou o botão, dando a partida no motor, deixando cuidadosamente o estacionamento.

**DESDE QUE ASSUMIU A
INVESTIGAÇÃO, ACOMPANHAVA OS
PASSOS DELA, E SUA QUSADIA LHE
CHAMAVA ATENÇÃO.**

Visualizou uma nova chamada em seu celular, dessa vez do escritório. Atendeu no comando de voz.

— Bom dia, Leona.

— Onde você está? O Júnior não está de bom humor esta manhã. Estão te esperando para a reunião.

Imaginou a cena e sorriu, e Dante pôde presenciar, outra vez, aqueles segundos mágicos, ao vê-la baixar a guarda, intimamente, só para ela.

— Não vou conseguir chegar a tempo. — Disse, mordendo suavemente o lábio inferior, contendo o riso ao se dar conta de que Dante a observava.

— Ele irá tentar matar o mensageiro. O que eu digo?

Leona é advogada assistente no escritório, assessorando diretamente os dois sócios, Júnior Bezerra e Ayla Norato. Ela é a relação mais próxima de amizade que Ayla se permitiu construir desde que teve que recomeçar.

Olhou para Dante ao responder.

— Infelizmente, me envolvi em um acidente de trânsito.

— Está tudo bem? — Leona externou sua preocupação.

— Sim. Depois conversamos. — Desligou, não dando tempo a ela para continuar a questionar.

— Tudo bem? — Perguntou a ele ao desligar.

— Sim. — Dante forçou um sorriso.

Ela não retribuiu.

— Eu não devia... Sinto muito. — Estava, verdadeiramente, se sentindo mal por seu infeliz comentário.

Ayla seguiu dirigindo, em silêncio, até parar em frente à porta da emergência do hospital mais próximo de onde estavam. Apertou o botão do pisca-alerta e desceu. Quando voltou, estava acompanhada por uma enfermeira empurrando uma cadeira de rodas.

Abriu a porta do carona e a enfermeira ajudou Dante a descer e a sentar na cadeira.

Dante observou-a entrar no carro e, sem se despedir, partir.

— Sente tontura? Náusea? — A enfermeira perguntou, assim que entraram, examinando os sinais vitais.

— Não, mas posso ter quebrado alguma costela e deslocado o ombro. — Respondeu, questionando-se por que estava preocupado em ter estragado tudo com ela.

— Logo será atendido. — Informou, levando-o até uma maca na emergência.

A enfermeira puxou as cortinas ao redor do leito.

— Já volto. — Fechou um pouco mais as cortinas.

— Onde ele está?

— Ali. — A enfermeira apontou.

— Obrigada.

Dante a viu entrar.

— Pensei que tivesse ido.

Ela cruzou os braços, olhou para ele e apenas movimentou a cabeça, negando.

— Então, o que aconteceu? — O médico perguntou.

— Eu o atropeliei. — Antecipou-se.

O médico sorriu para ela pela espontaneidade, depois olhou para Dante para examiná-lo.

Dante, naturalmente, segurou a mão dela, apertando-a, quando o médico tentou esticar o braço esquerdo. Ayla olhou para a mão dele sobre a dela e, mesmo incomodada, não teve coragem de desampará-lo.

— O ombro está deslocado. — O médico disse, seguindo para as costelas.

E ele, mais uma vez, apertou a mão dela.

— Vou pedir um raio-x. — Falou olhando para ela.

Dante estava atento ao olhar do médico.

— A enfermeira logo virá buscá-lo. — Comunicou, deixando-os a sós.

Soltou a mão dele e cruzou os braços, afastando-se. Seu celular tocou, Ayla o retirou do bolso da jaqueta, olhou para o visor identificando a chamada e rejeitou a ligação, enviando uma mensagem de que retornaria assim que possível.

Alberto Bezerra Júnior, seu sócio, às vezes era muito temperamental. Ayla era a única que tinha coragem de contrariá-lo.

— Não vai atender?

— Pode esperar. — Notou que despertou a curiosidade dele.

A enfermeira voltou trazendo a cadeira de rodas.

— Vai precisar tirar a camiseta. Já volto.

Dante sentou-se.

— Quer ajuda? — Perguntou ao vê-lo encaixar o cotovelo do braço direito no final da camiseta, movimentando-a para tirá-la sem sucesso.

Ela, naturalmente, se posicionou entre as pernas dele, segurando no final da camiseta. Passou facilmente pelo braço direito, depois pela cabeça, em seguida o olhou, preparando-se para retirá-la do braço esquerdo.

Ele apertou com a mão direita o colchão da maca, sem saber se era pela reação à proximidade dela ou pela dor que sentia, e Ayla teve cuidado ao movimentar o braço dele. Dante inclinou o corpo para a frente, apoiando-se nela.

— Tudo bem? — Ficou sem saber como agir, somente queria que ele ficasse bem.

A enfermeira voltou trazendo uma bata para ele.

— Pode esperar aqui. Já o trago de volta.

Ayla segurava a camiseta, impregnada com o delicioso perfume.

Ao voltar, Dante observou a camiseta dobrada e ela sentada na cadeira, ao lado da maca, com as pernas e os braços cruzados.

A enfermeira o ajudou a retornar para a maca e finalizava a limpeza das escoriações, quando o médico trouxe o resultado do raio-x.

— Temos uma emergência na recepção e precisam de você. — Sorriu para a colega.

Ayla se aproximou do médico.

— Então, doutor?

— Ele vai ficar bem. Não quebrou nenhuma costela, apenas machucou o nervo e deslocou o ombro.

— Obrigada. — Agradeceu, aliviada.

— Vou colocar o ombro no lugar. — Seus olhos buscavam os olhos dela. — E liberá-lo.

Dante ficou incomodado com o olhar do médico para ela.

— Tentarei ser rápido. — Afirmou para Dante. — Pode me ajudar? — Sorriu para ela.

— Como?

— Não o deixe mover o tronco.

Segurou na mão direita dele, entrelaçando os dedos, e inclinou o corpo sobre o dele, imobilizando-o como o médico orientou. E mesmo em meio às circunstâncias, estavam conscientes da presença marcante um do outro.

O médico agiu rápido.

— Vou receitar um anti-inflamatório para a lesão no nervo, mas levará alguns dias para conseguir respirar sem dor.

— Obrigado, doutor. — Dante agradeceu.

O médico olhou para Ayla e sorriu.

— Cuidado no volante.

Pela expressão dela, Dante percebeu que Ayla não gostou do comentário e sentiu-se vitorioso por reconhecer.

Ele sentou e pegou a camiseta para vestir. Movimentava o ombro e o braço esquerdo lentamente, parando, por alguns segundos, para respirar.

Foi até ele e, sem dizer nada, pegou a camiseta para ajudá-lo a vestir.

Estavam novamente muito próximos, e as mãos dela, mesmo que rapidamente, tocaram-lhe a pele. A atração foi inevitável.

— Obrigado.

— Onde quer ficar? — Ignorou o agradecimento.

— Na delegacia.

— Deveria descansar. — Repreendeu-se por comentar. Não era para se importar.

— Vou ficar bem.

— Vou trazer o carro. — Desconversou. Não queria conhecê-lo como se pudessem ser amigos.

O silêncio era constrangedor. Estavam submersos em seus próprios pensamentos. Ele tentando lidar com como reagiu, inesperadamente, à presença dela, e ela reafirmando para si que poderia atropelá-lo novamente se Dante ficasse em seu caminho.

Estacionou em frente à delegacia.

— Ayla...

— Não! Por favor, apenas desça. — Olhou para ele. — Teria ajudado qualquer um.

Não tinha dúvidas de que ela ajudaria qualquer um.

Ela desviou o olhar, mas voltou a olhá-lo, forçando um sorriso.

— Tudo bem. — Dante reconheceu que não era o momento para insistir.

Ficou observando o carro se distanciar até desaparecer, sentindo uma sensação estranha de descontentamento, misturado à ansiedade em querer estar com ela novamente.

